

Agnes Heller. “Todas as revoluções são traídas porque se baseiam em ilusões”

A filósofa húngara e sobrevivente do Holocausto falou com o *i* sobre a sua história de amor com o marxismo e o papel da filosofia na mudança

JOANA AZEVEDO VIANA
joana.viana@ionline.pt
Em Amesterdão, Holanda

Do alto dos seus 83 anos e metro e meio de altura, Heller dispara críticas à velocidade de balas de metralhadora. Convidada da conferência Nexus deste ano, a filósofa húngara entrou num debate aceso com o filósofo francês Alain Badiou sobre a mudança que se impõe aos 12 anos do século XXI. Tivemos a sorte de ter uma conversa mais profunda com ela sobre “Como Mudar o Mundo”, o tema da conferência organizada pelo filósofo holandês. Uma conversa que acabou por se centrar no seu percurso de vida, rodeada de livros no hotel onde ficou hospedada.

Esta biblioteca é linda.

É muito bonita, sim. É um bocado antiquada, que é uma coisa muito bonita, não é uma fábrica de livros como aquelas que há nos Estados Unidos.

É a sua primeira vez em Amesterdão?

Não, já estive aqui muitas vezes, mas nunca apanhei um tempo tão mau.

Esta neve não ajuda ao turismo...

Pois não. Queria ir à Casa Rembrandt e já não vou...

Como surgiu o convite para a Nexus?

Não sei bem. Devia estar agora em Munique, mas alguém me recomendou ao Rob Riemen, ele enviou-me uma carta e preferi vir à conferência.

E o que achou? Não houve grandes conclusões sobre como mudar o mundo.

É muito difícil sair desta situação, sabe? E que situação? A situação europeia? A húngara? A portuguesa, a alemã? Há situações concretas diferentes. E houve propostas diferentes. Um acredita numa coisa, outro noutra. É importante perceber o que se quer fazer com cada uma das situações, perceber se a transformação que estamos a viver vai ser um meio para regressar a uma situação prévia ou se queremos outra coisa, para já obscura. A tarefa de cientistas e filósofos não é fazer profecias, não é possível prever o que vai acontecer.

Ortega y Gasset disse que haver inter-

lectuais que discutem e políticos que só agem em vez de discutirem é uma característica do totalitarismo. Houve políticos a discutir na conferência...

Muitos filósofos sempre tiveram a ambição de influenciar políticos e a maioria tinha uma ambição má: Platão acreditava que os filósofos deviam governar o Estado, Jean Paul Sartre visitou Fidel Castro e outros tiranos para os aconselhar... É uma ilusão terrível.

Os filósofos acreditarem que podem influenciar os políticos?

Sim. A única coisa que os filósofos podem fazer é falar do que acreditam ser certo e as pessoas encarregadas da política podem ou não ouvi-los. Até porque o conceito de verdade é distinto nas diferentes esferas da modernidade. Na filosofia, ela é revelada através da argumentação, mas na política este conceito de verdade não funciona, nem na ciência. Na política e na ciência, se disseres que uma teoria está certa, tens de pressupor que se pode provar que está errada, porque a possibilidade de falsificar uma teoria, uma proposição, está incluída na verdade.

E na filosofia?

Em filosofia pode-se dizer “Isto é a verdade”. Mas e na história? Milhares e milhares de pessoas escreveram sobre a Primeira Guerra Mundial, por exemplo, mas cada uma escreveu uma história diferente e todas são verdadeiras. Este é o problema da ciência: há certas verdades nisto, certas verdades naquilo. Pode haver falsificação de factos e isso é absolutamente não verdade, mas todas as outras coisas que não são falsificações são verdade, e na política é o mesmo. Um político tem de escolher um ponto de vista, que tipo de coisas aceita e assumir a responsabilidade por elas. São conceitos diferentes de verdade.

Quando tinha 17 anos, o seu namorado levou-a a uma conferência de György Lukács. Foi assim que a filosofia surgiu na sua vida?

Sim. Estava na universidade a estudar física e a teoria da relatividade. Então o meu namorado da altura levou-me a um curso do Lukács, era aluno dele, e disse-me



que eu devia ouvir uma palestra. Eu estava relutante...

Porquê?

A filosofia não é ciência, por isso não me interessava. Mas aceitei e lá percebi que não comprehendia uma única palavra do que o Lukács estava a dizer, mas que aquilo parecia-me ser a coisa mais importante que já tinha ouvido. E aí desisti do meu curso e comecei a estudar Filosofia.

Foi aí que começou a interessar-se pelo comunismo.

As pessoas não são conscientes quando têm 18 anos. Eu certamente não era. Ouvi o Lukács, apaixonei-me pela sua forma de ensinar e ele era comunista. Acreditava em tudo o que ele dizia sem pensar muito sobre isso. Considerava-me mar-

xista porque ele era marxista, mas só “conheci” Marx em 1953, tinha eu 24 anos, e na altura nem sequer era possível ler outra coisa de Marx que não o primeiro volume do “Capital”. Quem era considerado marxista na altura eram basicamente os ideólogos russos: Lenine, Estaline, etc. Eu queria acreditar que eles eram bons, mas não pensava muito no assunto, estava só a estudar História da Filosofia. Sentava-me com o meu namorado – que viria a ser o meu primeiro marido – e ficávamos noite dentro a ler juntos a “Lógica” de Hegel e os diálogos de Platão. No que toca à nossa experiência pessoal com o socialismo, eu não gostei [da ideologia] desde o início, mas como um amigo meu disse, ridicularizando-me: “As apariências todas são más, mas a essência é boa.” Foi uma boa descrição da minha posição: sim, sou comunista, sou marxista, acredito na sua essência, mas eles estão a fazer tudo mal.

Não eram verdadeiros marxistas?

Pois, eu achava que os verdadeiros não fariam as coisas assim. É uma concepção muito simplificada. Não pensava muito nisto porque a minha cabeça estava ocupada a pensar noutras coisas. Também é assim na vida em geral: para pensarmos em determinados assuntos temos de tomar outros como certos, não podemos testar tudo o que achamos que sabemos em simultâneo. Quando se começa a questionar coisas que consideramos problemáti-

“Só uma revolução do dia-a-dia, em que mudamos o nosso estilo de vida e interesses, pode ter sucesso”

“[Slavoj Zizek] é uma estrela pop, tem pouco de filósofo. Para já não vejo grandes pensadores no século XXI”